

CORREIO POLÍTICO

Sem mencionar EUA, Lula critica 'sanções arbitrarias'

Ele advertiu sobre o risco de normalização do autoritarismo

Ricardo Stuckert / PR



Eduardo e Figueiredo apoiaram sanções contra Brasil

Eduardo e Figueiredo têm 15 dias para responder denúncia

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), concedeu, nesta terça-feira (23), prazo de 15 dias para as defesas do deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e do blogueiro Paulo Figueiredo se manifestarem sobre a denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR).

Eles foram denunciados a Suprema Corte, nesta segunda-feira (22), pelo crime

de coação no curso do processo. Ambos foram investigados no inquérito que apurou a participação deles na promoção do tarifaço dos EUA contra o Brasil.

Após receber a manifestação das defesas, o relator do inquérito, ministro Alexandre de Moraes, vai liberar o caso para julgamento na Primeira Turma da Corte. Caberá ao colegiado decidir se os acusados se tonarão réus.

Gonet

Na denúncia apresentada ao STF, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, disse que Eduardo e Figueiredo, que estão nos Estados Unidos, ajudaram a promover "graves sanções" contra o Brasil para demover o Supremo a não condenar o ex-presidente Jair Bolsonaro pela trama golpista.

Resposta

Em nota conjunta à imprensa, Eduardo Bolsonaro e Paulo Figueiredo desqualificaram a denúncia da Procuradoria-Geral da República e reafirmaram que vão continuar atuando com "parceiros internacionais" para que novas sanções sejam aplicadas a autoridades brasileiras.



Rubens Costa, preso em flagrante, foi solto horas depois

Economista preso durante CPMI do INSS é liberado

Detido por ordem do presidente da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), senador Carlos Viana (Podemos-MG), o economista Rubens Oliveira Costa foi liberado pela Polícia Legislativa do Senado na madrugada desta terça-feira (23).

Costa prestou esclare-

cimentos à Secretaria de Polícia do Senado Federal e, segundo um de seus advogados, foi liberado na sequência, sem sequer pagar fiança.

"O flagrante dele não foi homologado. Possivelmente, porque ele não cometeu crime algum. E porque estava assegurada por uma liminar de habeas corpus", disse.

Depoente

Suspeito de envolvimento no esquema de descontos ilegais em benefícios previdenciários pagos pelo INSS a milhões de aposentados e pensionistas de todo o país, Oliveira foi convocado a depor à CPMI na condição de sócio de Antonio Carlos Antunes, o "Careca do INSS".

Sócio?

Apesar disso, Costa permaneceu por mais de sete horas sendo questionado pelos membros da comissão e respondeu algumas perguntas. Ele afirmou que nunca foi sócio de Antunes, e apenas prestou serviços de como diretor financeiro de empresas do 'careca'.

Habeas Corpus

O economista chegou ao Congresso Nacional protegido por um habeas corpus concedido pelo ministro do STF Luiz Fux, que o desobrigou de ter que responder às perguntas dos membros da CPMI e também impedia eventual ordem de prisão, caso o depoente permanecesse em silêncio.

Prisão

O relator, deputado Alfredo Gaspar (União-AL), pediu que Costa fosse preso preventivamente, alegando que o economista mentiu durante o depoimento e a prisão seria necessária para evitar que ele fugisse. A Secretaria de Polícia do Senado disse à Agência Brasil que apurará os fatos.

Por Karoline Cavalcante

Na abertura da 80ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), realizada em Nova York, nesta terça-feira (23), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) usou a tribuna brasileira para emitir duras críticas ao cenário internacional, especialmente ao que classificou como "sanções arbitrarias" e "intervenções unilaterais" promovidas por potências globais. Embora sem mencionar nomes diretamente, suas declarações tiveram como alvo evidente os Estados Unidos e a atual gestão do presidente Donald Trump (Republicano).

O chefe do Palácio do Planalto apontou que o mundo vive um momento de crise do multilateralismo e o enfraquecimento da democracia e advertiu sobre o risco de normalização de práticas autoritárias no plano internacional. "Assistimos à consolidação de uma desordem internacional marcada por seguidas concessões à política do poder. Atentados à soberania, sanções arbitrarias e intervenções unilaterais estão se tornando a regra", declarou.

Resistência

Lula buscou também apresentar o Brasil como um exemplo de resistência institucional. Em referência à condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) por tentativa de golpe de Estado, o petista afirmou que o país respondeu às ameaças autoritárias com o fortalecimento do Estado democrático de direito. "Diante dos olhos do mundo, o Brasil deu um recado a todos os candidatos a autocratas e àqueles que os apoiam: nossa demo-



Lula acusou setores da direita de agirem para deslegitimar instituições brasileiras

cracia e nossa soberania são inegociáveis", disse.

Acusou ainda setores da extrema direita internacional de agirem como cúmplices na tentativa de deslegitimar instituições brasileiras, apoiando o que chamou de "ingerência externa e chantagem econômica". "Falsos patriotas arquitetam e promovem publicamente ações contra o Brasil. Não há pacificação com impunidade", completou o petista.

Sanções

A crítica veio em meio a uma crescente tensão entre os dois países. Na segunda-feira (22), a Casa Branca determinou que a Lei Magnitsky, criada para punir violações graves de direitos humanos e casos relevantes de corrupção — e que já atinge o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes desde julho — fosse aplicada também à esposa do magistrado,

Viviane Barci de Moraes, e ao instituto Lex, vinculado à família Moraes. Na data, Washington também revogou o visto de mais sete autoridades brasileiras, entre elas o advogado-geral da União (AGU), Jorge Messias; o ex-secretário-geral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) na gestão de Moraes, José Levi; o ex-ministro do TSE Benedito Gonçalves; e membros do gabinete de Moraes.

Desde o início de agosto, Trump aplicou uma tarifa de 50% sobre diversos produtos brasileiros. Entre as justificativas apresentadas, está o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) — atualmente em prisão domiciliar, enquanto aguarda o período de apelação de sua condenação a 27 anos e três meses de prisão — e outros sete membros do "Núcleo Crucial" da denúncia, que articulavam uma tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022.

Paz

Outro ponto abordado por Lula em seu pronunciamento foi a atuação das plataformas digitais, às quais ele atribuiu um papel central na disseminação de discursos de ódio, desinformação e ataques à democracia. "A internet não pode ser uma terra sem lei", disse, ao defender uma regulação que preserve a liberdade de expressão, mas combata crimes e abusos cometidos no ambiente virtual. "Regular não é restringir a liberdade de expressão. É garantir que o que já é ilegal no mundo real seja tratado assim no ambiente virtual", afirmou.

O presidente também comentou sobre os principais conflitos geopolíticos do momento, com especial destaque à crise humanitária na Faixa de Gaza. Sem poupar críticas, afirmou que o que ocorre no território palestino configura "genocídio" e lamentou o uso da fome como arma de guerra.

'Química excelente', diz Trump sobre encontro com Lula na ONU

Ricardo Stuckert / PR

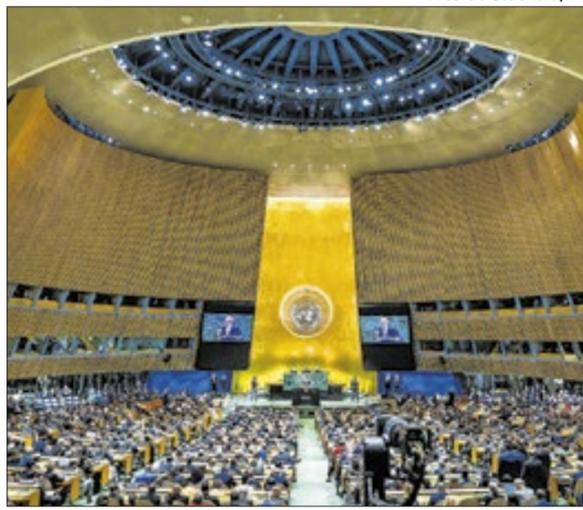
Por Karoline Cavalcante

Minutos após o discurso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na 80ª Assembleia Geral das Nações Unidas realizada nesta terça-feira (23), em Nova York, foi a vez do líder dos Estados Unidos, Donald Trump (Republicano) subir ao púlpito da ONU. Em tom mais conciliador, o chefe da Casa Branca surpreendeu ao dizer que teve uma "ótima química" com Lula durante um breve encontro nos bastidores e anunciou que os dois devem se reunir na próxima semana.

"Ao entrar aqui nos vimos, nos abraçamos e concordamos de nos encontrar na próxima semana. Não tivemos muito tempo para conversar, foram cerca de uns 20 segundos", afirmou Trump, em tom informal. "Ele parece um cara muito legal, ele gosta de mim e eu gostei dele. E eu só faço negócio com gente de quem eu gosto. Quando não gosto deles, eu não faço", completou, mencionando que mesmo com a rapidez da conversa, houve uma "química excelente".

Contrastante

A fala contrasta com as recentes sanções do governo norte-americano. Até então, o republicano vinha adotando um tom crítico em relação ao parceiro comercial, especialmente após decidir aplicar uma sobretaxa de 50% sobre diversos produtos brasileiros no início de agosto por alegar desequilíbrio



Trump, porém, não poupou críticas ao Judiciário brasileiro

nas trocas bilaterais, acusando o Brasil de beneficiar-se de políticas tarifárias que prejudicariam empresas e trabalhadores estadunidenses. Em resposta, o Brasil defendeu que os EUA acumularam superávit superior a US\$ 400 bilhões nas últimas décadas no comércio entre as duas nações, o que não justificaria novas barreiras.

Recentemente também foram revogados uma série de vistos de autoridades brasileiras e aplicados ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes e a sua esposa, Viviane Barci de Moraes, a Lei Magnitsky — criada para punir violações graves de direitos humanos e casos relevantes de corrupção. Segundo Washington, as ações foram motivadas também por violações judiciais ligadas ao jul-

gamento do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) — atualmente em prisão domiciliar, enquanto aguarda o período de apelação de sua condenação a 27 anos e três meses de prisão por decisão do STF — e outros sete membros do "Núcleo Crucial" da denúncia, que articulavam uma tentativa de golpe de Estado após as eleições de 2022.

Críticas

O anúncio de uma possível reunião entre Lula e Trump ganhou repercussão internacional, especialmente após meses de distanciamento político e retórica agressiva. Veículos de imprensa como The New York Times e The Washington Post destacaram a mudança de tom do presidente americano.

No entanto, o norte-americano não poupou críticas ao

Judiciário brasileiro, alegando que há censura, perseguição e corrupção institucional no país. O discurso, que durou cerca de 1h, também direcionou críticas à própria ONU, acusando o organismo de "criar problemas em vez de resolvê-los" e defendeu sua política anti-imigração como modelo de segurança nacional.

'Quadro complexo'

Ao Correio da Manhã, o internacionalista e diretor do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), de Brasília, Ricardo Caichiolo, avaliou que a situação entre os dois países apresenta um quadro complexo, com sinais ambíguos. Para ele, as críticas apresentadas pelos líderes durante o evento reforçam a tensão e a divergência já existente. O especialista interpreta, porém, que a "sinalização amigável de Trump em relação a Lula foi, de fato, intrigante". No entanto, observa que a tendência não é retroceder nas sanções já aplicadas, "pelo menos não de forma imediata".

"Em resumo, a situação é volátil. As sanções demonstram a seriedade do atrito, enquanto a sinalização de Trump indica uma possível abertura para um diálogo, mas não necessariamente um recuo nas medidas já tomadas. A conversa na próxima semana será crucial para entender os reais desdobramentos desse cenário", pontuou Caichiolo à reportagem.